10.22481/praxisedu.v21i52.17335
ARTIGO

DENÚNCIA, ANÚNCIO E UTOPIA EM PAULO FREIRE: NOTAS PARA PENSAR O CAMPO DA EDUCAÇÃO

COMPLAINT, ANNOUNCEMENT AND UTOPIA IN PAULO FREIRE: NOTES TO THINK ABOUT THE FIELD OF EDUCATION

DENUNCIA, ANUNCIO Y UTOPÍA EN PAULO FREIRE: NOTAS PARA PENSAR EL CAMPO DE LA EDUCACIÓN

Marciano Antonio da Silva[1] 0000-0002-1230-9967
Allene Carvalho Lage[1] 0000-0002-9936-3033

[1]Universidade Federal de Pernambuco/ Campus Agreste – Caruaru, Pernambuco, Brasil; marcianoantoniosilva@gmail.com, allenelage@yahoo.com.br

RESUMO:
Este artigo realiza uma discussão em torno das categorias denúncia, anúncio e utopia, desenvolvidas pelo educador Paulo Freire, dada sua relevância para pensar as questões que permeiam o campo da educação. Entendemos que seus princípios são fundamentais para a consolidação de experiências educativas comprometidas político-pedagogicamente com a emancipação dos sujeitos historicamente oprimidos e/ou marginalizados. Isto porque sua matriz propõe uma mudança radical nas estruturas da sociedade, de modo que seja possível a construção de um projeto coletivo e emancipatório capaz de recriar o mundo. Sendo assim, podemos afirmar que as categorias propostas trazem consigo um arcabouço de possibilidades para que venhamos despertar a consciência de sujeitos críticos, bem como avançar numa proposta de educação que seja capaz de superar os quadros de marginalidade e desigualdade que ainda cerceiam nossa realidade.
Palavras-chave: denúncia; anúncio; utopia.

ABSTRACT:
This article carries out a discussion around the categories denunciation, announcement and utopia, developed by educator Paulo Freire, given his relevance for thinking about issues that cross the field of education. We believe that his principles are fundamental for consolidating educational experiences politically-pedagogically committed to the emancipation of historically oppressed and/or marginalized subjects. This is because its matrix proposes a radical change in the structures of society, seeking to build a collective and emancipatory project capable of recreating the world. Therefore, we can affirm that the respective categories bring with them a framework of possibilities so that we can awaken the consciousness of critical subjects, as well as advance an education proposal that is capable of overcoming the situations of marginality and inequality that still surround our reality.
Keywords: complaint; announcement; utopia.

RESUMEN:
Este artículo realiza una discusión en torno de las categorías denuncia, anuncio y utopía, desarrolladas por el educador Paulo Freire, dada su relevancia para pensar cuestiones que atraviesan el campo de la educación. Creemos que sus principios son fundamentales para

RECEBIDO: 31 de março de 2024 | APROVADO: 1 de abril de 2025 | PUBLICADO: 11 de agosto de 2025

consolidar experiencias educativas comprometidas político-pedagógicamente con la emancipación de sujetos históricamente oprimidos y/o marginados. Esto se debe a que su matriz propone un cambio radical en las estructuras de la sociedad, para que sea posible construir un proyecto colectivo y emancipador capaz de recrear el mundo. Por lo tanto, podemos afirmar que las respectivas categorías traen consigo un marco de posibilidades para que podamos despertar la conciencia de sujetos críticos, así como avanzar en una propuesta educativa capaz de superar las situaciones de marginalidad y desigualdad que aún rodean nuestra realidad.
Palabras clave: queja; anuncio; utopía.

Introdução

Denúncia, anúncio e utopia integram o corpo teórico desenvolvido pelo educador Paulo Freire, patrono da educação brasileira e um dos intelectuais de maior prestígio no campo da educação no mundo[1]. Defensor de uma pedagogia humanista-libertadora, comprometida político-pedagogicamente com a e marginalizados/as, Freire (2020, p. 344) definia-se enquanto um sujeito "Esperançoso. Confiante. Convencido, inabalavelmente convencido, de que a vocação dos homens não é coisificar-se, mas humanizar-se [...]".

Denominado "o andarilho da utopia", Freire imortalizou-se enquanto um intelectual orgânico, movido por sonhos e utopias que o conduziam a reavivar as esperanças na construção de uma sociedade menos injusta. Ao andarilhar pelo mundo, desenvolveu não apenas um conjunto de aportes teórico-epistemológicos para pensar o fenômeno educativo, como também foi responsável pela elaboração de métodos pedagógicos revolucionários, sendo estes reconhecidos e incorporados em diferentes países.[2]

É imensurável sua contribuição para a sociedade brasileira, sobretudo, no que se refere ao campo da educação, uma vez que Freire dedicou-se ao longo da sua trajetória enquanto educador popular, pesquisador e militante da educação. Suas epistemologias trazem consigo implicações de cunho pedagógico, social e político, visto que Freire compreendia que não era possível a produção de um conhecimento neutro, desprovido de um posicionamento acerca do mundo e de como agimos diante dele.

[1] De acordo com a matéria publicada no site da BBC News Brasil, Paulo Freire é um dos intelectuais mais citados no mundo, tendo suas obras trabalhadas em diversas universidades estrangeiras. Além disso, também é considerado o brasileiro mais vezes laureado com títulos de doutor honoris causa pelo mundo. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46830942. Acesso em: 21 set. 2022.

[2] Dentre suas inúmeras contribuições nesse campo, destacamos a experiência pedagógica produzida na cidade de Angicos, Rio Grande do Norte, tida enquanto uma proposta revolucionária na alfabetização de adultos, reconhecida no Brasil e no exterior.

Na concepção de educação difundida por Freire (2000, p. 58) "[...] não é possível separar política de educação, o ato político é pedagógico e o pedagógico é político [...]. Enquanto experiência pedagógica, o ato político não pode reduzir-se a um processo utilitário, interesseiro, imediatista". Portanto, o autor defendia a constituição de experiências éticas, políticas e pedagógicas que fossem capazes de despertar a consciência política dos indivíduos, de modo que estes sujeitos viessem a alcançar sua libertação.

Tais princípios denotam a relevância, a inventividade e o ineditismo presentes na obra freireana, visto que o respectivo educador avança na elaboração de aspectos pouco explorados por uma ciência que durante muito tempo esteve voltada apenas para a produção de um conhecimento hegemônico. Desse modo, ao assumir uma posição contrária aos cânones do conhecimento científico, Freire propunha a constituição de um conhecimento outro, pautado no reconhecimento dos saberes dos grupos que historicamente estiveram excluídos e marginalizados por uma elite intelectual.

Por estas razões, Ana Freire (2021a, p. 15) defende que a epistemologia desenvolvida pelo educador utópico "[...] nos convence e convida, sobretudo a nós educadores e educadoras, a pensar e optar, a aderir e a agir projetando ininterruptamente a concretização dos sonhos possíveis, cuja natureza é tanto ética quanto política". Sua pedagogia, pois, reacende os sonhos e esperanças daqueles/as que por muito tempo estiveram fadados a permanecerem nos lugares de submissão, propondo-lhes a superação desse lugar de marginalidade e/ou desigualdade.

Conseguimos ver, então, a atualidade do pensamento freireano, visto que suas contribuições oferecem um conjunto de elementos para que possamos não apenas tecer uma análise acerca da realidade, mas também nos reconhecermos enquanto parte integrante desta. Suas indagações em torno do mundo, e de como nos incorporamos nele, permite que saiamos de uma posição de neutralidade e assumamos uma postura crítica, reconhecendo o nosso lugar enquanto agentes de mudanças.

Durante seus escritos, o educador defendia a urgência de uma proposta de educação humana-libertadora-crítica que fosse capaz de libertar aqueles/as que se encontravam reféns de um sistema que oprimia e subalternizava todos/as que não se enquadravam dentro dos moldes hegemônicos. Isto porque acreditava que para eliminar todo tipo de violação seria necessário implementar, concomitantemente um projeto educativo que possibilitasse a estes sujeitos/as se reconhecerem enquanto oprimidos e partirem para a superação desse lugar de violência. Em razão disso, Freire (1979) defendia que

> A educação crítica é a "futuridade" revolucionária. Ela é profética – e, como tal, portadora da esperança – e corresponde à natureza histórica do homem. Ela afirma que os homens são seres que se superam, que vão para frente e olham para o futuro, seres para os quais a imobilidade representa uma ameaça fatal, para os quais ver o passado não deve ser mais que um meio para compreender claramente quem são e o que são, a fim de construir o futuro com mais sabedoria. Ela se identifica, portanto, com o movimento que compromete os homens como seres conscientes de sua limitação, movimento que é histórico e que tem o seu ponto de partida, o seu sujeito, o seu objetivo (Freire, 1979, p. 42).

Assim, ao compreender a imprescindibilidade de um processo educacional que fosse capaz de despertar a consciência crítica dos educandos, o pensador propunha a superação da visão determinista que tradicionalmente condicionou lugares inferiores para aqueles/as que não se encontravam dentro das elites dominantes. Sua proposta subversiva consistia na desestruturação dos quadros de desigualdades, entendendo que estes dispositivos se encarregaram de constituir hierarquias e subalternidades ao longo da história.

Tendo claro, portanto, quais foram suas notáveis contribuições para o campo da educação, buscamos discutir a tríade denúncia, anúncio e utopia na epistemologia de Paulo Freire, bem como apontar suas implicações político-pedagógicas para pensar uma educação transformadora. Isto porque entendemos que o pensamento freireano se consolida enquanto uma episteme revolucionária, já que fornece subsídios teórico-epistemológicos para o ininterrupto processo de ação-reflexão-ação que o autor denomina de práxis.

Denúncia e anúncio enquanto profecias para pensar o amanhã

Pensar o amanhã constitui-se enquanto um movimento imprescindível para que possamos sonhar com um mundo melhor, fundamentado em experiências de solidariedade, cumplicidade e amor. Ainda assim, Freire (2000) relembra que o amanhã não é algo "pré-dado", "pré-determinado", mas algo que se encontra em permanente construção, um verdadeiro desafio, um problema que necessita ser superado a partir do despertar da consciência política daqueles/as que se encontram dispostos a construir uma realidade menos injusta, mais vivível.

Ao dimensionar tais problematizações, o respectivo autor defende que não há possibilidade de pensar o amanhã sem antes refletir acerca do hoje, "[...] tocados por seus desafios, instigados por seus problemas, inseguros ante a insensatez que anuncia desastres, tomados de justa raiva em face das injustiças profundas que expressam, em níveis que causam assombro, a capacidade humana de transgressão da ética" (Freire, 2000, p. 54). Sendo assim, faz-se necessária, uma leitura de mundo pautada no hoje, naquilo que estamos vivendo.

Tendo como base os fundamentos freireanos, acreditamos que é através desse movimento reflexivo que conseguiremos projetar um novo amanhã, superando as contradições sociais que ainda se fazem presentes nos dias de hoje. Tal afirmação se justifica porque não é mais possível conviver com uma realidade demasiadamente desumana, onde aqueles/as que historicamente estiveram às margens da sociedade e das políticas públicas têm seus sonhos e esperanças dilacerados por uma ordem neoliberal que prevê a manutenção dos arranjos de desigualdade e exclusão social.

Sob essa ótica, vislumbrando a constituição de outra realidade, encontramos na dialética denúncia e anúncio, proposta por Freire (2000), indicativos que apontam para uma mudança radical nas estruturas da sociedade, uma vez que prevê a construção de um projeto coletivo e emancipatório capaz de recriar o mundo. Ainda de acordo com o respectivo autor, é através da denúncia de como estamos vivendo e do anúncio de como poderemos viver que alcançaremos o ideal de projetar uma vida mais digna e vivível para todos/as (Freire, 2000).

Convergindo com essa linha de pensamento, Ana Freire (2021a) enfatiza que as dimensões da denúncia e do anúncio propostos por Freire (2000) trazem consigo implicações de cunho político e pedagógico, visto que potencializam nossa capacidade de sonhar com a possibilidade de um novo amanhã. Contudo, a autora enfatiza que reivindicar uma transformação de ordem social, política e cultural traz consigo demandas. Em suas palavras:

> [...] incluir-se na luta de sonhos possíveis implica assumir um duplo compromisso: o compromisso com a denúncia da realidade excludente e o anúncio de possibilidades de sua democratização, bem como o compromisso com a criação de condições sociais de concretização de tais possibilidades (Freire, 2021a, p. 41).

É, pois, assumindo esse compromisso ético-pedagógico da denúncia da realidade excludente e do anúncio das possibilidades da sua democratização que constituiremos um *ethos* civilizatório que seja capaz de introduzir relações de dialogicidade e amorosidade com o outro. Tal proposta, por sinal, traz consigo um potencial re-criador, visto que se funda naquilo que ainda não existe, mas que torna-se possível a partir do despertar de consciência coletiva dos indivíduos que reivindicam um mundo melhor.

Esse movimento de caráter utópico ganha concretude no que Freire (2000) chama de pensamento profético[3], um pensamento de natureza esperançosa, em que fundamentado naquilo

[3] Freire (2000) propõe uma definição de profeta que supera a dimensão do misticismo, da premunição. Isto porque, para o autor, o profeta seria aquele que "[...] fundando no que vive, no que vê, no que escuta, no que procura compreender, apoiado na leitura do mundo e das palavras, antigas e novas, à base de quanto e de como se expõe, tornando-se assim cada vez mais presença no mundo à altura do seu tempo, fala quase adivinhando, na verdade, intuindo, do que pode ocorrer nesta ou naquela dimensão da experiência histórico-social (Freire, 2000, p. 54).

que vivemos hoje, conseguiremos pensar o amanhã (Freire, 2000, p. 54). Para o educador, não é possível pensar o futuro sem antes refletir acerca da realidade na qual vivemos, sem uma leitura de mundo que seja capaz de conceber as especificidades e desafios que assolam nosso presente. Ainda segundo o autor,

> [...] uma das bonitezas do anúncio profético está em que não anuncia o que virá necessariamente, mas o que pode vir, ou não. O seu não é um anúncio fatalista ou determinista. Na real profecia, o futuro não é inexorável, é problemático. Há diferentes possibilidades de futuro (Freire, 2000, p. 54).

Evidentemente, o pensamento profético não se propõe a uma visão fatalista ou mesmo determinista, como sinaliza Freire (2000), mas traz consigo um arcabouço de possibilidades para pensar o amanhã, fundado naquilo que vivemos hoje. Trata-se de um pensamento urgente para a contemporaneidade, já que prevê a constituição de uma ontologia social e histórica que seja capaz de oferecer respostas efetivas à proliferação das inúmeras assimetrias e discrepâncias que ainda sucumbem nossas vidas, operacionalizando injustiças sociais.

Essa proposta não é, obviamente, recente, consiste numa luta histórica que vem sendo protagonizada por sujeitos que reivindicam o rompimento da herança escravocrata e colonial que continua sendo disseminada a partir da modernização e do refinamento das violências estruturais em nossa sociedade. Contudo, compreendemos que esse movimento só será possível a partir de uma justiça cognitiva global que possibilite instrumentos teóricos e práticos para o re-despertar de uma práxis emancipatória. Ainda segundo Freire (1979):

> Somente podem ser proféticos os que anunciam e denunciam, comprometidos permanentemente num processo radical de transformação do mundo, para que os homens possam ser mais. Os homens reacionários, os homens opressores não podem ser utópicos. Não podem ser proféticos e, portanto, não podem ter esperança (Freire, 1979, p. 16).

É nítido que a iminência de categorias teóricas e práticas, como a denúncia e o anúncio propostos por Freire (2000), corresponde a uma necessidade ontológica. Isso se justifica porque é a partir da denúncia das desigualdades, injustiças históricas e violências que cercam nosso cotidiano que conseguiremos anunciar um novo tempo, mais justo e humano, visto que não é possível anúncio sem denúncia, ambos estão sincronizados em um elo inseparável (Freire, 2000, p. 54). Ainda segundo o educador:

> A rebeldia enquanto denúncia precisa de se alongar até uma posição mais radical e crítica, a revolucionária, fundamentalmente anunciadora. A mudança do mundo

> implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação, no fundo, o nosso sonho (Freire, 2021d, p. 77).

A radicalidade da denúncia pode ser constatada a partir dos enfrentamentos protagonizados pelos movimentos sociais e coletivos que reivindicam uma mudança estrutural na sociedade, pautada na defesa da democracia, da liberdade e dos direitos humanos. São, portanto, estas forças revolucionárias que têm ocasionado fissuras nas estruturas de poder, não apenas revelando as contrariedades existentes, mas também apontando indícios para a superação destas, anunciando um novo amanhã.

Acreditamos que é a partir da denúncia que conseguiremos romper com os véus impostos pelo patriarcado e pelo colonialismo, bem como desocultar as injustiças que ainda reiteram desigualdades. Por meio dessa dimensão denunciativa, avançaremos na superação das contradições sociais existentes, uma vez que esse movimento prevê a dilatação da realidade em sua natureza real, nos permitindo enxergá-la tal qual se apresenta, pois como destaca Freire (2014, p. 108) "[...] não há denúncia verdadeira sem compromisso de transformação, nem este sem ação".

Ao assumirmos a denúncia enquanto uma tarefa imprescindível para a construção de um novo mundo, defendemos a ideia de que o "[...] futuro não nos faz. Nós é que nos refazemos na luta para refazê-lo" (Freire, 2000, p. 27). Em meio a esse processo de construção do futuro, anunciamos outras possibilidades de ser, viver e nos relacionar, pois entendemos que é possível construir uma realidade menos desumana, menos cruel, assim como sonhar com uma práxis emancipatória. Como bem disse o referido educador

> O que não é porém possível é sequer pensar em trans-formar o mundo sem sonho, sem utopia ou sem projeto [...] A transformação do mundo necessita tanto do sonho quanto a indispensável autenticidade deste depende da lealdade de quem sonha às condições históricas, materiais, aos níveis de desenvolvimento tecnológico, científico do contexto do sonhador. Os sonhos são projetos pelos quais se luta. Sua realização não se verifica facilmente, sem obstáculos. Implica, pelo contrário, avanços, recuos, marchas às vezes demoradas. Implica luta (Freire, 2000, p. 26).

Nestes termos, a luta pela concretização do sonho passa a ser compreendida enquanto um exercício político-pedagógico que permite a problematização do futuro, entendendo-o enquanto um projeto inconcluso, inacabado. É o anúncio daquilo que poderá ser, desde que, compenetrado em meio aos atos de denúncia, seja capaz de mobilizar nossa capacidade de criar condições para a consolidação de uma transformação de natureza política, social e cultural.

Nos termos freireanos, o anúncio pode ser concebido enquanto movimento utópico, esperançoso, uma vez que projeta caminhos possíveis para a constituição de um horizonte de

possibilidades. É imerso nesse movimento que o impossível deixa de ser considerado um projeto inalcançável, pois dentro dessa concepção assume o caráter de possibilidade, de alternativa que passa a traçar os rumos do projeto que é constituído a partir da reorganização dos setores sociais. É movido pelo desejo incessante da transformação, do projeto utópico. Ainda assim, Freire (1979) ressalva que

> A utopia exige o conhecimento crítico. É um ato de conhecimento. Eu não posso denunciar a estrutura desumanizante se não a penetro para conhecê-la. Não posso anunciar se não conheço, mas entre o momento do anúncio e a realização do mesmo existe algo que deve ser destacado: é que o anúncio não é anúncio de um ante-projeto, porque é na práxis histórica que o antreprojeto se torna projeto. É atuando que posso transformar meu anteprojeto em projeto; na minha biblioteca tenho um anteprojeto que se faz projeto por meio da práxis e não por meio do bláblábláblá (Freire, 1979, p. 16).

Portanto, trata-se de um processo que não se dá apenas numa dimensão discursiva, ou mesmo por meio de um bláblábláblá, como menciona Freire (1979). Só é possível pensar em uma transformação efetiva através de uma práxis emancipatória que outorgue a indissociabilidade entre os atos de ler, conhecer e fazer no contexto no qual se encontram compenetrados. A transformação perpassa uma dimensão teórica enquanto necessidade ontológica, mas requer também uma prática, na condição de mobilização, de ação consciente.

Na concepção de Freire (2000), sonho, utopia, denúncia e anúncio são condições indispensáveis para que se construa um mundo melhor e mais justo. Tal ideia justifica-se pelo fato de que, sem essas dimensões, só resta treinamento técnico, a educação passa a ser reduzida a um movimento irreflexivo, antipedagógico, no qual nossa esperança é aniquilada em meio à brutalidade de um sistema perverso. Com isso, necessitamos mobilizar elementos teóricos e práticos que permitam constituir um projeto educativo fundamentado nos ideais pelos quais sonhamos e acreditamos.

Ao compreender a dimensão da denúncia e do anúncio enquanto pressupostos que antecedem uma transformação, Freire (2000, p. 21) destaca que ambos "[...] criticamente feitos no processo de leitura do mundo dão origem ao sonho porque lutamos" (Freire, 2000, p. 21). Constituem-se, assim, uma força motriz que mobiliza nossos sentidos frente a uma possibilidade de futuro que não se encontra determinada, mas que é constituída de maneira coletiva e pautada no bem-estar social e comum.

Contudo, torna-se imprescindível para o despertar da consciência coletiva a formação de um projeto educativo que seja capaz de oferecer elementos para problematização e constituição de experiências sociais baseadas em atos de denúncias e anúncios. Segundo Freire (1979):

> Uma pedagogia utópica de denúncia e de anúncio, como a nossa, tem de ser um ato de conhecimento da realidade denunciada, ao nível da alfabetização e da pós--alfabetização, que constituem, em cada caso, uma ação cultural. Por isso se acentua a problematização contínua das situações existenciais dos educandos tal como são apresentadas nas imagens codificadas. Quanto mais progride a problematização, mais penetram os sujeitos na essência do objeto problematizado e mais capazes são de "desvelar" esta essência. Na medida em que "desvelam", se aprofunda sua consciência nascente, conduzindo assim à conscientização da situação pelas classes pobres (Freire, 1979, p. 45).

Como bem menciona o respectivo autor, a consolidação de uma pedagogia utópica de denúncia e de anúncio permite a problematização do futuro, imbricado num processo permanente que possibilita, antes de tudo, o desvelamento do hoje, das dificuldades e possibilidades que se encontram entrelaçadas no presente. Imersos nesse movimento é que constituímos um arcabouço teórico-prático que avança na problematização do amanhã, a partir de um processo de conscientização fincada na emancipação do/a outro/a.

Neste sentido, o debate político-pedagógico deve aprofundar uma problematização em torno do amanhã, entendendo-o enquanto "[...] uma possibilidade que precisamos de trabalhar e por que, sobretudo, temos de lutar para construir. O que ocorre hoje não produz inevitavelmente o amanhã" (Freire, 2000, p. 42). Esse movimento implica a denúncia da realidade desumana, excludente e autoritária, para que se torne possível o anúncio de relações de dialogicidade, amorosidade e respeito entre todos/as.

Ao problematizar o amanhã, a dimensão da denúncia e do anúncio rompem com o discurso fatalista, pois reitera nossa capacidade de lutar na busca da consolidação de um projeto utópico que prevê uma ação consciente e emancipatória. Com isso, mobiliza nossa capacidade de sonhar, uma vez que reconhece a possibilidade de um mundo melhor e mais justo. Na concepção de Ana Freire (2021a)

> O ato de sonhar coletivamente, na dialeticidade da denúncia e do anúncio e na assunção do compromisso com a construção dessa superação, carrega em si um importante potencial (trans)formador que produz e é produzido pelo inédito-viável, visto que o impossível se faz transitório na medida em que assumimos coletivamente a autoria de sonhos possíveis (Freire, 2021a, p. 42).

Nesse sentido, como bem aponta Ana Freire (2021a), para além de traçar possibilidades de um futuro que pode ser alcançado, a denúncia e o anúncio trazem consigo implicações que revelam o compromisso com a construção de uma sociedade que aponta, em todas as suas dimensões, a luta pela solidariedade e pela justiça social e histórica. É por meiodesse movimento que conseguimos sonhar com a constituição de experiências que apresentam a materialidade de um novo caminho para todos/as.

É denunciando e anunciando num processo que não se dá de forma dicotômica, mas conjunta, que reavivamos nossas esperanças na construção de um mundo melhor. Essas dimensões são capazes de realizar atos de criação, visto que mobilizam nossos impulsos para projetar um amanhã que não é determinado, mas constituído enquanto uma perspectiva de um outro mundo possível. Estão intercruzadas num elo inseparável, uma vez que toda denúncia aponta possibilidades e todo anúncio surge a partir de uma denúncia.

A utopia de um mundo mais justo requer o ato de sonhar coletivamente

Na perspectiva freireana, sonho e utopia assumem um sentido político, superando a definição propagada pelas ideologias fatalistas que as caracterizam, quase sempre, na condição de impossibilidade, devaneio ou mesmo projeto inalcançável/irrealizável. Deste modo, ao romper com o discurso fatalista difundido pela lógica neoliberal, ambas as terminologias são concebidas enquanto uma necessidade ontológica dos seres humanos, ou seja, algo que faz parte da sua natureza, histórica e socialmente (Freire, 2021a).

No tecido desse processo, o referido educador propõe uma problematização em torno dos conceitos supracitados, concedendo um caráter teórico-epistemológico para pensá-los enquanto possibilidade, projeto possível, alternativa viável, desde que estejamos mobilizados em processos de luta para pensar a futuridade, dialetizando a partir da nossa presença no mundo e com ele. Isto porque Freire (2021d, p. 75) advoga que não podemos "[...] estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra", sendo necessário assumir uma posição diante dele.

É nítido que o debate pedagógico em torno dos conceitos de sonho e utopia caminha para o rompimento do fatalismo neoliberal, uma vez que propõe assumirmos um compromisso político-pedagógico com a mudança, através de atos criadores que transcendam uma esfera estática. Em meio a essa configuração, Freire (2000, p. 27) evidencia que "O futuro não nos faz. Nós é que nos refazemos na luta para fazê-lo". Contudo, esse movimento requer o despertar consciente da nossa capacidade de sonhar com a possibilidade de um amanhã diferente.

Ao compreender que o futuro não se encontra determinado, mas precisa ser construído, forjamos alternativas viáveis para pensar a mudança, através de ações conscientes que permitam o reconhecimento do nosso papel na busca de um mundo mais justo e humano. Trata-se, pois, de um projeto coletivo, emancipatório, visto que não é possível pensar a transformação social

a partir de uma visão individualista, sendo necessário pensá-la a partir dos interesses coletivos, superando as dificuldades que ainda perfazem da nossa realidade um contexto de desigualdades.

Na matriz do pensamento freireano, sonhar consiste em "[...] imaginar horizontes de possibilidade; sonhar coletivamente é assumir a luta pela construção das condições de possibilidade" (Freire, 2021e, p. 42). Convergindo com essa linha de pensamento, podemos afirmar que o ato de sonhar carrega em si um potencial criador, pois supera o fatalismo determinista, projetando aquilo que ainda não existe, mas que se torna possível a partir da manutenção das nossas aspirações utópicas.

Contudo, ao longo dos seus escritos, Freire (2000) enfatiza que sonhar com esse mundo melhor, mais justo, não é suficiente, necessitamos lutar incessantemente para construí-lo, de modo que venhamos a torná-lo possível. Assumir esse posicionamento ético e político corresponde, antes de tudo, ao atendimento de uma dívida histórica que nos é colocada na atualidade, uma vez que historicamente estivemos fadados aos processos de violência e desumanização. Diante disso, Freire (2021c) destaca que

> O sonho pela humanização, cuja concretização é sempre processo, e sempre devir, passa pela ruptura das amarras reais, concretas, de ordem econômica, política, social, ideológica, etc., que nos estão condenando à desumanização. O sonho é assim uma exigência ou uma condição que se vem fazendo permanentemente na história que fazemos e que nos faz e re-faz (Freire, 2021c, p. 137).

Atuar em defesa da humanização, do ideal coletivo, consiste na concretização do projeto utópico pelo qual lutamos hoje em dia, compreendido enquanto condição imprescindível para constituição de um mundo melhor. Ainda que o sectarismo difundido pelas estruturas neoliberais tenha estabelecido um imobilismo diante da nossa sociedade, ocasionando uma inação diante das violências históricas a que fomos submetidos, resta-nos restabelecer nossas forças mobilizadoras, reavivando as nossas esperanças para pensar a transformação.

Como sabiamente defendeu Freire (1979, p. 16), "[...] o utópico não é o irrealizável; a utopia não é o idealismo, é a dialetização dos atos de denunciar e anunciar, o ato de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante". Esse movimento perfaz a mobilização da nossa capacidade inventiva para potencializar um projeto de sociedade que não se encontra concluso, mas que vai se constituindo em meio aos processos de denúncia e anúncio, como mencionado pelo autor.

É a esperança de um mundo menos feio, menos perverso, onde a utopia reacende nossa capacidade de intervir no hoje e sobretudo na produção de um amanhã diferente. Certamente, não se trata de um projeto pacífico, mas, ao contrário, materializa-se em constantes processos

de disputa de poder, uma vez que as estruturas neoliberais atuam deliberadamente na tentativa de desestruturar nossa capacidade de lutar em defesa da transformação. Sob esse aspecto, Freire (2021c) destaca que

> [...] não há utopia verdadeira fora da tensão entre a denúncia de um presente tornando-se cada vez mais intolerável e o anúncio de um futuro a ser criado, construído, política, estética e eticamente, por nós, mulheres e homens. A utopia implica essa denúncia e esse anúncio, mas não deixa esgotar-se a tensão entre ambos quando da produção do futuro antes anunciado e agora um novo presente. A nova experiência de sonho se instaura, na medida mesma em que a história não se imobiliza, não morre. Pelo contrário, continua (Freire, 2021c, p. 126).

Esse movimento de tensão que ocupa nossa realidade corresponde à dinamicidade na qual a história acontece, uma vez que esse encadeamento não ocorre num plano linear, progressivo, mas mediatizado por processos que envolvem disputas, conflitos, tentativas de avanços ou mesmo retrocessos. Apesar disso, essas circunstâncias não podem ser interpretadas enquanto amarras que impedem nossa capacidade de sonhar, mas na condição de um exercício fundamental para pensar o amanhã.

São estas contradições que impulsionam a luta e a defesa dos sonhos possíveis, entendendo a necessidade da utopia nos dias de hoje, onde constantemente assistimos à perversidade da sociedade capitalista que insiste em sucumbir com a vida daqueles/as que foram categorizados/as enquanto invisíveis. Desse modo, Freire (2012, p. 143) defende que "[...] a luta pela esperança significa a denúncia franca, sem meias palavras, dos desmandos, das falcatruas, das omissões. Denunciando-os, despertamos nos outros e em nós a necessidade, mas o gosto também, da esperança".

É, portanto, denunciando os mecanismos de violação, como aponta Freire (2012), que anunciaremos novas relações de amorosidade entre os seres humanos, pautadas no respeito à diversidade. Assim, na medida em que realizamos esse duplo movimento de denunciar e anunciar, pedagogicamente atuamos num processo de conscientização, em que nos tornamos conhecedores da nossa gente, da nossa história. De acordo com o respectivo autor,

> A conscientização está evidentemente ligada à utopia, implica em utopia. Quanto mais conscientizados nos tornamos, mais capacitados estamos para ser anunciadores e denunciadores, graças ao compromisso de transformação que assumimos. Mas esta posição deve ser permanente: a partir do momento em que denunciamos uma estrutura desumanizante sem nos comprometermos com a realidade, a partir do momento em que chegamos à conscientização do projeto, se deixarmos de ser utópicos nos burocratizamos; é o perigo das revoluções quando deixam de ser permanentes. Uma das respostas geniais é a da renovação cultural, esta dialetização que, propriamente falando, não é de ontem, nem de hoje, nem de amanhã, mas uma tarefa permanente de transformação (Freire, 1979, p. 16).

Mediante as considerações do educador, chegamos à conclusão de que assumir um compromisso político-pedagógico com a transformação de um mundo mais justo implica ser utópico, perfaz a defesa dos sonhos possíveis, o reavivar das esperanças. Ainda assim, Freire (2014, p. 114) adverte que "Não é, porém, a esperança um cruzar de braços e esperar. Movo--me na esperança enquanto luto e se luto com esperança, espero". Por isso é que envolve uma intervenção, uma práxis coletiva para corresponder aos desafios reais.

Ser utópico traduz-se num ato de rebeldia contra um sistema que corrobora a desesperança, a apatia diante da dor do outro, a realidade feia e desumana. Em outra esfera, prevê condições para que continuemos vivos, esperançosos, alimentando nossos sonhos em meio à possibilidade de algo novo, mais justo. Como bem disse Freire (2000):

> [...] na medida em que nos tornamos capazes de transformar o mundo, de dar nome às coisas, de perceber, de inteligir, de decidir, de escolher, de valorar, de, finalmente, eticizar o mundo, o nosso mover-nos nele e na história vem envolvendo necessariamente sonhos por cuja realização nos batemos. Daí então, que a nossa presença no mundo, implicando escolha e decisão, não seja uma presença neutra. A capacidade de observar, de comparar, de avaliar para, decidindo, escolher, com o que, intervindo na vida da cidade, exercemos nossa cidadania, se erige então como uma competência fundamental (Freire, 2000, p. 17).

Situar nossa posição diante dessa realidade consiste num processo de comprometimento com nós mesmos e com o mundo que nos cerca, haja vista que somos coletividade, nos constituímos em meio às redes de cumplicidade que estabelecemos com os nossos semelhantes. É atuando diretamente na transformação da nossa realidade que conseguimos questionar e/ou problematizar as contradições que ainda se fazem presentes no nosso meio, vislumbrando superá-las num projeto de cidadania coletivo.

Não há dúvidas de que a utopia é o caminho para a libertação, uma exigência histórica que se coloca enquanto ferramenta indispensável na luta contra a exploração, desumanização e/ou o fatalismo perverso. Ao mesmo tempo, constitui-se na condição de despertar de um autoconhecimento esperançoso que caminha na construção de um universo de possibilidades que vai atuando num processo de luta comum.

Essa luta não se trata de uma imposição que nos é colocada, mas de uma exigência histórica, se queremos de fato assumir o compromisso com a mudança, pois não é possível transformar sem um agir consciente diante da realidade fática. De acordo com Freire (2000, p. 55) o mero reconhecimento de que "[...] o sistema atual não inclui a todos, não basta. É necessário precisamente por causa deste re-conhecimento lutar contra ele e não assumir a posição fatalista forjada pelo próprio sistema e de acordo com a qual 'nada há que fazer, a realidade é assim mesmo'".

Neste sentido, a luta pela utopia, pelos sonhos possíveis, constitui-se também enquanto um processo de disputa contra a brutalidade do sistema perverso que a todo modo tenta descredenciar nossas aspirações éticas, políticas e pedagógicas. Assumir um novo rumo nesse ínterim consiste em forjar relações fundadas nos processos de amorosidade, fraternidade e cumplicidade com nós mesmos e com a realidade que nos cerca.

Educação, conscientização e os desafios para uma práxis libertadora

O compromisso com a difusão de uma educação crítica, que viesse conscientizar e libertar os/as oprimidos/as, foi tomado enquanto uma das principais questões defendidas por Freire ao longo dos seus escritos. Na compreensão do educador utópico, o processo educativo consistia num importante instrumento para que viéssemos a alcançar as práticas de humanização, tão necessárias dentro de uma sociedade que se encontrava mais fincada nos interesses neoliberais do mercado do que nas reais necessidades do seu povo.

Freire (2021c) acreditava que a educação não podendo tudo, poderia alguma coisa, sendo possível pensá-la enquanto um dispositivo capaz de realizar não só pequenas fissuras no sistema, mas até mesmo uma grande revolução. Desse modo, ao reivindicar esse projeto de sociedade, o educador propôs métodos que pudessem conscientizar e libertar aqueles/as que se encontravam reféns das amarras neoliberais, visto que estas estruturas representavam um antagonismo paraa instauração de um projeto educativo emancipador.

Realizar esse movimento consistia, antes de tudo, num compromisso político--pedagógico com aqueles/as que se encontravam fadados/as a permanecerem dentro dos quadros de exclusão e opressão impostos pela sociedade capitalista. Por outro lado, sinalizava a inconsistência do modelo de educação advindo do neoliberalismo, tendo em vista que essa proposta não oferecia elementos suficientes para pensar uma mudança estrutural, uma vez que os interesses do mercado se sobrepunham às reais necessidades da população.

Mediante esses fatos, Freire (2021b, p. 122) propõe uma educação corajosa "[...] que levasse o homem a uma nova postura diante dos problemas de seu tempo e de seu espaço. A da intimidade com eles. A da pesquisa em vez da mera, perigosa e enfadonha repetição de trechos e de afirmações desconectadas das suas condições mesmas de vida". Uma educação problematizadora, que oferecesse condições para que seus/suas sujeitos/as fossem capazes de realizar uma leitura de mundo, superando os problemas que fazem parte da sua realidade.

Ainda segundo o autor, pensar a educação enquanto "[...] prática de liberdade, é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade" (Freire, 1979, p 14). Essa reflexão, por sua vez, alarga a compreensão em torno do fenômeno educativo, pois reconhece seu potencial revolucionário na construção de um novo projeto de mundo. Na mesma medida, potencializa respostas efetivas para que venhamos a superar as contradições que ainda seguem instaurando assimetrias na sociedade. Partindo desse princípio, Freire (2022) ressalta que

> A prática educacional não é o único caminho à transformação social necessária à conquista dos direitos humanos, contudo acredito que, sem ela, jamais haverá transformação social. A educação consegue dar às pessoas maior clareza para "lerem o mundo", e essa clareza abre a possibilidade de intervenção política (Freire, 2022, p. 50).

De fato, sem uma perspectiva de educação crítica, libertadora e comprometida com os atos de denúncia e anúncio, dificilmente seríamos capazes de caminhar na construção de um projeto de sociedade fundamentado na justiça social e na defesa dos direitos humanos. Como bem pontuou Freire (2022), a educação crítica amplia as possibilidades de intervenção política, pois entende que a realidade não está determinada, mas em permanente processo de construção, podendo ser modificada a todo momento.

Neste sentido, urge superar o modelo de educação centrado numa perspectiva técnica e burocrática, em que a imposição dos conteúdos programáticos ocupa uma certa centralidade durante todo o processo pedagógico. Ao mesmo tempo, faz-se urgente a constituição de experiências pedagógicas compromissadas com a libertação dos grupos historicamente excluídos e marginalizados, uma vez que não é possível pensar sua emancipação sem um projeto educativo que desperte sua criticidade.

Entretanto, constituir tais experiências demanda também pensar uma educação vinculada aos contextos socioculturais nos quais os/as sujeitos/as se encontram inseridos/as, pois só a partir da superação das contrariedades locais torna-se possível subverter os limites impostos pelas estruturas desiguais. Assumindo esse ponto de vista, Freire (1979, p. 19) defende que "Quanto mais refletir sobre a realidade, sobre sua situação concreta, mais emerge, plenamente consciente, comprometido, pronto a intervir na realidade para mudá-la".

O reconhecimento da capacidade de mudança, conforme sinaliza Freire (1979), traduz a potencialidade da educação na luta pela justiça social, uma vez que não aceita a realidade imposta, mas cria condições para modificá-la de acordo com as necessidades dos seus indivíduos. Isto porque, sem uma educação comprometida com a mudança da realidade, não há

possibilidade de uma transformação social efetiva, pois é nesse movimento que conseguimos conscientizar os indivíduos, despertando sua criticidade. De acordo com Freire (1979):

> Aqueles que estão "conscientizados" apoderam-se de sua própria situação, inserem-se nela para transformá-la, ao menos com seu projeto e com seus esforços. Portanto, a conscientização não pode pretender nenhuma "neutralidade". Como consequência que é da educação, demonstra que esta também não poderia ser neutra, porque se apresenta sempre, queiramos ou não, como "a forma própria de uma ação do homem sobre o mundo" (Freire, 1979, p. 40).

O despertar da conscientização surge, desse modo, enquanto a capacidade mobilizadora de refletir acerca de si, mas também das adversidades materializadas na própria realidade. Assim, ao reconhecer a historicidade enquanto construção humana, marcada por avanços e retrocessos, elabora respostas efetivas para reinventá-la. É um posicionamento crítico diante da realidade, pois como alerta Freire (1979), a conscientização não predispõe de uma postura de neutralidade, mas demanda assumir um compromisso com sua historicidade.

Ao discorrer acerca da conscientização, o autor também adverte para o exercício reflexivo que perpassa esse movimento, visto que sua ação não está pronta e acabada, mas vai sendo constituída a partir das experiências que vão sendo constituídas em meio a sua práxis. Ainda segundo o autor, precisamos lembrar que o despertar da consciência crítica envolve um conjunto de fatores que devem ser considerados durante esse processo, não podendo assim ser compreendido enquanto

> [...] uma varinha mágica para os revolucionários, mas uma dimensão de base de sua ação reflexiva. Se os homens não fossem "entidade conscientes" capazes de atuar e perceber, de saber e recriar; se não fossem conscientes de si mesmos e do mundo, a ideia de conscientização não teria nenhum sentido e aconteceria o mesmo com a ideia de revolução. Empreendem-se revoluções para libertar os homens, precisamente porque os homens podem saber que são oprimidos e ser conscientes da realidade opressora na qual vivem (Freire, 1979, p. 47-48).

Essa libertação destacada pelo autor envolve, antes de tudo, a necessidade da práxis, considerada enquanto dimensão que envolve a teoria e prática, a capacidade de refletir e agir diante das problemáticas sociais, oferecendo respostas efetivas a cada uma. Além disso, o educador destaca que não alcançaremos a libertação "[...] pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela" (Freire, 2014, p. 43).

Partindo desse pressuposto, pensar a práxis educativa consiste também num processo de luta permanente, em que as classes oprimidas passam a reivindicar um projeto de sociedade no qual historicamente estiveram excluídos, fadados a permanecerem sempre nos lugares de

marginalização. Desta ótica, a constituição de experiências educativas baseadas nos processos de reflexão e ação correspondem antes de tudo a uma necessidade ontológica do ser humano, pois só assim será possível construir elementos para pensar sua libertação.

Freire (2014, p. 167) define os seres humanos na condição de "[...] seres da práxis. São seres do quefazer, diferentes por isso mesmo, dos animais, seres do puro fazer". Sua particularidade se encontra justamente na capacidade de inventividade, de criação do mundo, onde se nega a aceitar uma realidade nas condições de desumanização impostas pela lógica capitalista. Assim, numa posição contrária ao fatalismo, realiza um trabalho de comunhão, mobilizando instrumentos político-pedagógicos para constituir um *ethos* civilizatório.

Neste movimento, Freire (2014) chama atenção não apenas para a necessidade de uma ação prática que caminhe num horizonte de mudança, mas também para a necessidade de uma teoria que venha embase sua atuação. Seguindo esse direcionamento, o autor destaca que

> [...] se os homens são seres do quefazer é exatamente porque seu fazer é ação e reflexão. É práxis. É transformação do mundo. E, na razão mesma em que o quefazer é práxis, todo fazer do quefazer tem de ter uma teoria que necessariamente o ilumine. O quefazer é teoria e prática. É reflexão e ação (Freire, 2014, p. 167-168).

Em meio a suas considerações, fica visível a impossibilidade de projetar um novo mundo sem antes pensarmos teoria e prática de forma articulada, caminhando numa mesma direção. Necessitamos pensá-las enquanto entidades indissociáveis para que possamos evidenciar rupturas nas estruturas desiguais de nossa sociedade. Para o educador utópico:

> No ato mesmo de responder aos desafios que lhe apresenta seu contexto de vida, o homem se cria, se realiza como sujeito, porque esta resposta exige dele reflexão, crítica, invenção, eleição, decisão, organização, ação... todas essas coisas pelas quais se cria a pessoa e que fazem dela um ser não somente "adaptado" à realidade e aos outros, mas "integrado" (Freire, 1979, p. 21).

É a partir desses atos criadores que o ser humano encontra sentido na luta revolucionária, pois entende que sua luta não é em vão, mas na tentativa de efetivar melhorias para sua realidade. É mediante essa construção que o ser humano segue se criando e se reinventando, o que mostra que ele não se encontra determinado, mas integrado no seu espaço, como ressalta Freire (1979).

Com base nessas reflexões, Freire (2014, p. 119-120) esclarece que só "[...] a partir da situação presente, existencial, concreta, refletindo o conjunto de aspirações do povo, que poderemos organizar o conteúdo programático da educação ou da ação política". Convém,

portanto, forjar alternativas para que, mediante essa ação proposta pelo autor, caminhemos nessa direção, oportunizando possibilidades.

Conclusões

Ao analisarmos os princípios teórico-epistemológicos que compõem a(s) obra(s) do educador Paulo Freire, encontramos um conjunto de elementos que apontam para uma episteme revolucionária, comprometida político-pedagogicamente com a emancipação dos sujeitos/as historicamente oprimidos/as e/ou marginalizados/as. Isto porque, conforme aponta o autor, só a partir do despertar da consciência crítica desses/as sujeitos/as conseguiremos avançar numa proposta de superação dos quadros de marginalidade e desigualdade que ainda cerceiam nossa realidade.

Neste sentido, por meio das suas ininterruptas indagações acerca do mundo e de como nos posicionamos nele, Freire potencializa um repensar em torno dos diferentes campos da vida humana, além de propor um eficaz enfrentamento às injustiças sociais. Tais direcionamentos, por sua vez, denotam a audácia de um pensamento subversivo, sobretudo, para pensar as questões que atravessam o campo da educação, uma vez que permite a construção de propostas político-pedagógicas que sejam capazes de restaurar a boniteza do mundo.

No que se refere especificamente às categorias denúncia, anúncio e utopia, bem como suas implicações para pensar uma proposta de educação transformadora, fica nítido que seus princípios potencializam uma reflexão acerca do ontem, do agora, mas também do amanhã, dada sua visão esperançosa de mundo. É, pois, através da denúncia das estruturas arcaicas que ainda se fazem presentes no campo da educação, assim como do anúncio de outra matriz político-pedagógica, que avançaremos na superação das contradições presentes nesse território.

Seguindo essa linha de pensamento, concebemos que as respectivas categorias trazem consigo um arcabouço de possibilidades para pensarmos as questões que atravessam o campo da educação. Além disso, entendemos que só através de um processo educativo comprometido com a mudança é que avançaremos na consolidação de propostas pedagógicas outras, pautadas no comprometimento e na eliminação de qualquer realidade que esteja assentada em processos de opressão, violência e/ou desigualdade.

Agradecimentos
Agradecemos a Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco – FACEPE pelo financiamento da pesquisa.

Referências

FREIRE, Ana Maria Araújo (org.). A palavra boniteza na leitura do Mundo de Paulo Freire. São Paulo: Paz e Terra, 2021a.

FREIRE, Paulo. À Sombra desta mangueira. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2012.

FREIRE, Paulo. Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 51 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021b.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. 30 ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021c.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2021d.

FREIRE, Paulo. Pedagogia dos sonhos possíveis. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021e.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Unesp, 2000.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

SOBRE O/A(S) AUTOR/A(S)

Marciano Antonio da Silva. Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea da Universidade Federal de Pernambuco (CAA). Bolsista pela FACEPE. Membro do Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais, Educação e Diversidade na América Latina.
Contribuição de autoria: concepção e desenho, levantamento de dados, análise e interpretação dos dados, redação do artigo e aprovação final da versão a ser publicada.
Currículo Lattes: https://lattes.cnpq.br/4486192881181986

Allene Carvalho Lage. Doutora em Sociologia pela Universidade de Coimbra. Professora Titular da Universidade Federal de Pernambuco. Líder do grupo Movimentos Sociais, Educação e Diversidade na América Latina.
Contribuição de autoria: revisão crítica de conteúdo intelectual importante e aprovação final da versão a ser publicada.
Currículo Lattes: https://lattes.cnpq.br/8659756009849404

Como referenciar

SILVA, Marciano Antonio da; LAGE, Allene Carvalho. Denúncia, anúncio e utopia em Paulo Freire: notas para pensar o campo da educação. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 21, n. 52, e17335, 2025. DOI: 10.22481/praxisedu.v21i52.17335